

## A PROPÓSITO DE BORGES DA FONSECA\*

Maria Lúcia de Souza Rangel RICCI

Nascera Borges da Fonseca numa época em que se descortinava na paisagem social, econômica e política do Brasil, a aurora prenunciadora de sensíveis mutações. Sua infância transcorrerá paralela ao período joanino que sedimentou o embasamento sobre o qual erguer-se-ia a plataforma propulsora de um ritmo mais acelerado no encaminhamento tomado pelos acontecimentos, que evoluiriam até o rompimento definitivo dos laços de união entre o Brasil e Portugal.

Natural da Paraíba, veio Borges da Fonseca ao mundo aos 7 de abril de 1808, procedente de uma linhagem ascendente onde pontilhavam nomes de destacados servidores da Coroa Portuguesa, que haviam exercido cargos de relevância na administração colonial.

Toda sua formação ocorrerá dentro dos princípios liberais, superestrutura ideológica do emergente sistema capitalista, que sedimentaram as bases de sua consciência política, devendo, sem dúvida, terem repercutido em seu espírito, como nos diz Hélio Vianna<sup>1</sup> - "os ecos das revoluções de 1817, 1821 e 1824". E, por toda sua existência esteve Borges da Fonseca, tanto nas lides políticas quanto jornalísticas, sempre em defesa dos princípios liberais para sua Pátria.

Freqüentou os bancos escolares do Liceu Pernambucano, completando seus estudos no Seminário de Olinda, entidade tradicionalmente conhecida de formação liberal. Fora, pois, em Pernambuco, ainda vivendo nas salas de aula, que Borges foi contemporâneo da convulsionada política do país em que os absolutistas, cada vez mais salientes, e os liberais constitucionalistas se defrontavam procurando adquirir maior influência junto ao Imperador.

---

(\*) Publicado originalmente no "Boletim da Academia Paulista de História", nº 5. São Paulo, 1990.

(1) Vianna, Hélio. *Contribuição à História da Imprensa Brasileira. 1812-1869*. Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1945, p. 536.

Irromperia o ano de 1828, trazendo em seu organismo a herança da insolubilidade dos problemas que afligiam a nação, suficientes para dar prosseguimento à ambiência de insatisfação que grassava entre os brasileiros, desejosos de verem sua pátria em outras circunstâncias. As facções políticas entrechocaram-se frente as atitudes assumidas pelo Primeiro Imperador, despertando polémicas e contribuindo para o declínio da popularidade de D. Pedro. Acentuou-se o distanciamento da facção liberal que, bafejada com o considerável aumento do número de jornais favoráveis aos seus princípios, empreenderia maior vigor no combate ao poder executivo onde revezavam-se, quase sempre, elementos áulicos e ortodoxamente conservadores.

A extinção da prudência no legislativo e o exemplo no êxito dos jornais liberais que passaram a circular, deram margem ao aparecimento, em várias capitais, de outras folhas livres das injunções oficiais. Entre essas figurava a *Gazeta Paraibana*, segundo periódico publicado na Província da Paraíba, no qual fez Antônio Borges da Fonseca a sua estréia na profícua carreira jornalística que o acompanhou pela vida em fora.

Infelizmente pelo que tudo indica, esse primeiro jornal de Borges da Fonseca está totalmente desaparecido; segundo notícia fornecida pela *Aurora Fluminense*<sup>2</sup>, a *Gazeta Paraibana* veio à luz no dia 23 de agosto de 1828, sendo sua linha editorial à serviço da liberdade legal e do patriotismo. Enfrentou a *Paraibana* uma série de dificuldades, não se deixando intimidar por ameaças, nem mesmo quando da prisão de seu redator (1829), que nem por isso deixaria de expressar-se livremente, chegando antes, sim, a estabelecer a norma de que a liberdade de imprensa condicionava a social e a individual.

Em 1829 é posto em circulação o segundo órgão jornalístico de Borges da Fonseca, coincidentemente com os acontecimentos geradores das mais variadas polémicas, que vieram a distanciar as facções políticas brasileiras, tornando longínquas quaisquer possibilidades de aproximação entre o Imperador e as correntes liberais mais coesas.

À 24 de abril de 1829 veia à tona o primeiro número da sua outra folha intitulada *Abelha Pernambucana*, sob o formato 28 x 20, contendo normalmente quatro páginas divididas em duas largas colunas.

Distribuíam-se por suas páginas, um editorial ocupando quase toda uma coluna, um comentário sobre as melhorias na Província Pernambucana, a transcrição da Fala Imperial de 2 de abril de 1829, comentada pela redação, uma seção de variedades, um aviso declarando receber correspondências só dos assinantes, não se aceitando as que

(2) *Aurora Fluminense*, nº 112, Rio de Janeiro, novembro 3, 1828.

louvassem a qualquer autoridade e, no expediente, a divulgação dos locais em que podiam ser feitas as subscrições, a 640 réis mensais, e, as avulsas a 80 réis.

No substrato da matéria de apresentação, escrita em linguagem moderada, justificou, considerando incluir-se a imprensa, “por muito má que ela seja”, entre as necessidades primordiais de um sistema constitucional. Esse jornal prosseguiria em todos os seus números como guardião das liberdades juradas, dedicando sempre os espaços das suas páginas a editoriais doutrinários, transcrições, comentários aos assuntos políticos nacionais e regionais, além do combate, sem desfalecimentos, aos adeptos de princípios que transcendessem ao balisamento definido pelas leis vigentes no país.

Impossível nos seria nestas breves considerações demonstrar toda a riqueza da *Abelha* nos seus cento e quarenta e dois números, em sua aproximada duração de um ano e quatro meses; todavia, queremos deixar evidenciado que, Borges da Fonseca, seu principal redator, ao disseminar a semente liberal, não foi apenas adepto de uma simples oposição inconseqüente aos que se opunham às suas opiniões, ou a tudo que proviesse das autoridades constituídas. Antes, configurou-se como um publicista dinâmico, denotando admitir, em determinadas circunstâncias, a forma de governo monárquico-constitucional-representativo como a que melhor se amoldaria a determinadas conjunturas, e, naqueles momentos de circulação da *Abelha Pernambucana*, era esta a forma que cria exequível para seu país.

O terceiro jornal brotado da pena de Antônio Borges da Fonseca despontou a 2 de outubro de 1830, com o título de *O Republico*, tornando-se logo distinto entre seus pares pela vigorosa e dinâmica ação desenvolvida nos dias tormentosos que marcaram a fase final do primeiro reinado.

Apresentou-se *O Republico* em quatro páginas compostas graficamente em uma coluna, contendo uma matéria de apresentação assinada, um longo editorial, e uma declaração dizendo não seguir a ortografia filosófica ou da pronúncia, como fizera na *Gazeta Paraibana* e na *Abelha Pernambucana*, advertindo desprezar “o sedilho”. Anunciou-se ao preço de quarenta réis, adotando, abaixo do título, como epígrafe, um pensamento de Rousseau: “Povos livres, lembrai-vos d’esta máxima - A liberdade, pode se adquirir; mas depois de perdida, não se pode recobrar”.

Demonstrou em todo o tempo de existência desse jornal, o que já havia dado testemunho nos anteriores: a firmeza de sua oposição contra os tiranos, a sua missão na conscientização do povo brasileiro sobre a real situação da nação, o respeito às leis, o amor à pátria, o bom

desempenho dos deveres cívicos e religiosos como requisitos essenciais para a durabilidade da Constituição, repudiou a política monetária, analisou o mau estado das finanças, demonstrou a necessidade de mudanças em toda a Corte do país, bem assim a reforma da Carta Magna, além de haver dado ênfase especial à problemática da federalização da Monarquia, sendo que sua emoção despertou acirrada polêmica nos meios políticos da época, dando lugar a recomposição da facção política federativa, debilitada desde a cruenta repressão da Confederação do Equador.

Queremos crer que a propagação do princípio federativo feita por *O Repúblico*, foi sua tônica melhor, até a queda de D. Pedro I, chegando mesmo a prever seu funcionamento no ano de 1834<sup>3</sup>, além, obviamente, de familiarizar o povo com os princípios liberais que conscientemente cria, propugnava e pregava.

Homem intrépido, espírito inflamado, habituado a planejar revoluções, conhecedor profundo de Rousseau, Cabot, Fourier, apto para comunicar-se com a "massa" pelo seu estilo rasteiro, pela sua força de mando em nome da liberdade, assim foi Borges da Fonseca, cidadão de intensa atuação no jornalismo brasileiro, inclusive em pasquins. Chegou a redigir cerca de vinte e cinco periódicos entre os anos de 1828 e 1869, onde atacou sempre a opressão, deixando largo caminho aos republicanos que o sucederam, demonstrando que o revolucionário não é um anarquista e que o importante era saber sempre aproveitar o potencial revolucionário do povo.

---

(3) *O Repúblico*, nº 38. Rio de Janeiro, fevereiro 12, 1831, p. 176.